



Assembleia de Freguesia da Penha de França

----- MANDATO 2013-2017 -----

----- QUARTA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA -----

----- ATA NÚMERO VINTE -----

Aos vinte e dois dias do mês de abril de dois mil e dezasseis, pelas vinte e uma horas, reuniu a Assembleia de Freguesia da Penha de França, na sua Sede, sita na Rua Morais Soares, nº32/32A, em Sessão Extraordinária, sob a presidência de Maria Luísa Rodrigues das Neves Vicente Mendes, coadjuvada pelo Primeiro Secretário, Nuno José Simões Carvalho, e pelo Segundo Secretário, Manuel dos Santos Ferreira. -----

Assinaram a Lista de Presenças, para além dos mencionados, os seguintes Membros da Assembleia de Freguesia: Manuel Malheiro Portugal de Nascimento Lage, Celeste Júlia Ferreira Alves, António Neira Nunes, Carlos Alberto Amorim Rodrigues, Afonso Miguel Silveira Machado Pereira Costa, Carla Marina de Jesus Ferreira, Maria Teresa Henriques Feira Ricardo de Almeida, Carlos Alberto Marques Tibúrcio, Pedro Filipe Soares Coelho de Júdice Samora, Bruno Miguel da Silva Estrelo Futre, Hugo Pereira Evangelista e Luís Manuel Dias da Silva Costa Matias. -----

Constatada a existência de quórum, a Senhora Presidente da Assembleia de Freguesia declarou aberta a Sessão. -----

----- PONTO ÚNICO -----

- *Comemoração do 42º Aniversário do 25 de Abril e do 40º Aniversário da Constituição da República Portuguesa.* -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito boa noite. Vamos dar início à Sessão Extraordinária da Assembleia de Freguesia da Penha de França, Sessão essa comemorativa dos quarenta e dois anos do 25 de Abril e dos quarenta anos da Constituição. A Constituição, como se recordarão, foi aprovada em dois de abril de 1976. -----

Poderão as pessoas perguntar-se sobre o porquê de ano após ano, a Assembleia de Freguesia fazer questão de comemorar o 25 de Abril, e este ano, também, a aprovação da nossa primeira Constituição em democracia. Fazemos questão de lembrar os ideais do 25 de Abril. Para os mais velhos, diria, que é como um “reforçar” do que sentiram naqueles tempos em que esses ideais fervilhavam dentro de nós. Para os mais novos, acho que é importante explicar-lhes o que foi o 25 de Abril mas, mais importante do que isso, dizer-



Assembleia de Freguesia da Penha de França

lhes o porquê de ter sido necessário o 25 de Abril, para que nunca, ao longo das suas vidas, tenham de sentir aquela necessidade que nós, mais velhos, sentimos. -----

O 25 de Abril foi, efetivamente, uma revolução militar, e temos hoje connosco um militar de Abril, mas penso que o 25 de Abril também não poderia ter vencido se não fosse o povo. Foi o povo que, efetivamente, consagrou o 25 de Abril. -----

A Constituição, que também hoje lembramos, diria que é a “mãe” do dia-a-dia da nossa vida. Temos sentido, em vários momentos destes quarenta e dois anos, a necessidade de procurar aquela base daquela Constituição. Ela já foi revista por duas vezes, mas a base da Democracia, a base da Liberdade, a base dos Direitos de todos nós, estão aí. Não foi por acaso que a Assembleia de Freguesia colocou, em cada uma das cadeiras, um exemplar da nossa Constituição juntamente com um cravo vermelho. -----

Nesta Sessão, iremos ouvir, em primeiro lugar, o Militar de Abril, de quem já farei a apresentação, e posteriormente cada uma das Forças Políticas com assento nesta Assembleia fará a sua intervenção. Irei convidar também a Junta de Freguesia para dirigir algumas palavras a todos nós. A Mesa também fará, depois, a sua intervenção, e terminaremos com cantares de Abril e com um porto de honra. -----

Começo, então, por apresentar o nosso Militar de Abril. O Senhor Coronel Esmeraldo Pardal, Coronel de Infantaria, pertence à Associação 25 de Abril, tem o curso da Academia Militar, é licenciado em Ciências Sociais, e no 25 de Abril fazia parte da Companhia de Cadetes de Infantaria de Mafra que, sob o seu comando, teve como missão a tomada do aeroporto. Senhor Coronel, é uma honra tê-lo connosco. A palavra é sua. ---

Coronel Esmeraldo Pardal: boa noite, meus senhores e minhas senhoras. Peço antes de mais, desculpa porque tenho uma voz esganiçada porque me rebentaram com os ouvidos com uma mina, em Angola, e tenho sempre a impressão de que não me faço ouvir e berro. Desculpem-me. -----

Antes de prosseguir, uma nota prévia: tinha preparado para aqui um discurso, mas eu não gosto nada de discursos. Gosto mais da conversa informal, se me permitem. -----

Quero agradecer a todos vós, na pessoa da Senhora Presidente, o convite, agradecer em meu nome pessoal e em nome da Associação 25 de Abril que represento. -----

Ainda como nota prévia, queria dizer-vos que não vou falar sobre o 25 de Abril. Poderei falar de casos pessoais que me queiram perguntar. Sobre o 25 de Abril está tudo dito, toda a gente sabe sobre o Regime em que vivíamos há mais de quarenta anos, toda



Assembleia de Freguesia da Penha de França

a gente sabe sobre a guerra em que estávamos envolvidos, a guerra que provocou milhares de mortos, milhares de estropiados, sem pernas, sem braços, sem olhos, milhares de doentes, que ainda hoje sofrem da celeberrima doença que se chama stress pós-traumático, há dezenas de milhares de pessoas da minha idade que sofrem disso. Toda a gente sabe da miséria que era este país. Para os mais novos, pergunto-vos se têm noção do tipo de vida que se vivia neste país. Numa resenha muito genérica basta dizer-vos: uma população com uma taxa de analfabetismo na ordem dos 60 ou 70%, quem sabe. Eu, à minha conta, ensinei a ler e a escrever, nas aulas regimentais das alas por onde passei, milhares de jovens que nos chegavam completamente analfabetos. -----

Já encontrei aqui dois “quase” conterrâneos, e não sei como é que se vivia em Lisboa nessa altura, sei como é que se vivia nas aldeias lá para o norte. Costumava dizer a brincar, e vão-me perdoar a linguagem terra-a-terra de militar, que nas aldeias lá de cima só havia merda. Os animais, a pessoas, todos faziam as suas necessidades na rua, ao ar livre. Eram bois, eram vacas, eram cavalos, eram cães, eram porcos, eram as pessoas. Na minha aldeia até havia uma curiosidade: as mulheres iam de manhã cedo e os homens eram de noite, porque naquele tempo trabalhava-se de sol a sol, não haviam horários de trabalho, não havia salário mínimo nacional, não haviam fins-de-semana, era trabalhar de sol a sol. Os mais velhos sabem que era assim, os mais novos, como está aqui um camarada à minha frente, não sabem o que era isso. Não haviam telemóveis, nem telefone fixo. Na minha aldeia havia um telefone fixo, que as pessoas nem utilizavam porque nem sabiam como é que falavam. Apareceu a televisão, já em 1956 ou 1957. Em todas as aldeias havia um senhor rico, e havia uma televisão, e quando haviam assim as coisas mais importantes, os senhores ricos deixavam as pessoas irem espreitar a televisão, e normalmente era só o folclore. -----

Foi por isso, pela guerra e pela miséria em que este país vivia onde quase um milhão de pessoas, numa década, fugiram à procura de melhor vida. Ainda hoje fico espantado com as histórias que oiço, e outras que conheci na altura, de pessoas que arriscavam tudo para irem para França, a salto, porque a PIDE também não deixava que as pessoas saíssem. E por curiosidade, havia um homem, no meu concelho, em São João da Pesqueira, que fez uma fortuna, porque comprou um táxi, e levava as pessoas que iam a salto para França. Mas perto de Vila Franca das Naves, há uma terrinha que tem o nome parecido com França, e o fulano despejava as pessoas ali “já estão em França, agora é



Assembleia de Freguesia da Penha de França

convosco”, metia o dinheiro na algibeira e voltava para trás. Como é que pessoas analfabetas, aos milhares, atravessavam Espanha, atravessavam os Pirenéus, atravessavam França até chegarem a Paris, como é que essas pessoas conseguiram? Não me vou alongar mais com isto porque quero conversar convosco, não quero estar aqui com discursatas. -----

Foram estes os motivos principais que levaram a que muitos de nós começássemos a questionar. É evidente que hoje acusam-nos de termos preparado o 25 de Abril apenas por questões corporativas. É verdade. É verdade que as primeiras reuniões foram para defender cada um. Haviam os oficiais de quadro, depois a dada altura as vagas dos quadros da Academia Militar já não eram preenchidas até porque, na altura da guerra, quem é que ia para a vida militar para a Academia Militar? Os filhos dos senhores importantes. Eu fiz três tentativas para entrar para a Academia Militar e só à terceira é que consegui entrar. Primeiro porque eu era de letras, não era de ciências (depois explico o que é que neste tempo era isto de ser de letras e de ciências). Para a Academia só se podiam candidatar os rapazes que vinham da secção de ciências. Depois porque eu era filho de um operário aldeão e, portanto, também não tinha cabimento na Academia. À terceira vez, já com duas guerras no pelo, já não tiveram capacidade para recusar, entrei mesmo. O Ministro já não sabia o que fazer, um decreto-lei a favor de uns, e no mês seguinte um decreto-lei a favor dos outros. E nós pensamos “*o que é isto?*” e de conversa em conversa, dos problemas corporativos passámos para os problemas sociais que nós tínhamos conhecimento pelos soldados que estavam ali connosco, os soldados que nós tínhamos que aturar. Aturar e acompanhar, servir de pais, servir de mães, servir de comandantes, servir de tudo. Haviam situações bem difíceis. -----

E foi assim, de reunião em reunião, que se chegou à conclusão, e eu ainda me lembro de uma reunião, ali em Óbidos, em que estivemos toda a noite a partir pedra, andava o camarada Victor Alves, que andava sempre de cigarro na boca para trás e para a frente, cigarro atrás de cigarro, até que lá para as três, quatro da madrugada diz ele assim: “*Epá, mas vocês ainda não viram que o problema nem está em nós nem está no povo? Nós temos é que deitar abaixo o Governo!*” Ouçam, pela parte que me cabe, nunca tinha pensado nisso. A malta andava naquelas coisas e lembro-me daquela vez que o Presidente da República, lá o Almirante, foi a Coimbra, e que este Deputado do PS, o Alberto Martins que tomou a palavra, toda essa gente foi punida. Em Mafra, na minha Companhia,



Assembleia de Freguesia da Penha de França

caíram-me lá uns vinte e tal estudantes de Coimbra punidos, e foi quando eu comecei a ouvir, pela primeira vez, de política. Os rapazes chegaram, alguns vinha assim com a barriguinha um bocadinho saliente, pouco própria para um cadete andar ali a mergulhar naquelas coisas. Recusavam-se a receber instrução e eu tive de convencê-los de que, pelo menos, agarrar na espingarda, aprender a fazer tiro, e de que a preparação física era absolutamente necessária e contava-lhes histórias que eu testemunhei na guerra. E lá os convenci a fazerem isso e eles fizeram. Aprenderam a fazer tiro, aprenderam a agarrar na arma, fizeram o mínimo de exercício físico para aguentarem, e nas aulas teóricas, de tática, de técnica de combatente, de topografia, aquelas coisas todas, aí facilitava e aí davam-me eles lições a mim de política, coisas de que eu nunca tinha ouvido falar. Quando fui para as reuniões já levava umas ideias, mas a política estava ausente de mim, e nas guerras que fiz eu nunca olhei para a guerra em termos políticos porque a política estava adormecida. Só queria fazer a guerra, em termos técnicos, o melhor que eu sabia, proteger da melhor maneira os meus soldados, trazê-los todos – não trouxe, nunca. Era isso que me preocupava. -----

Quando começaram as reuniões, quando acabou a minha comissão de Angola, levei, um dia, ali na Academia, um puxão de orelhas do nosso General Eanes, que era Major na altura, e fez uma coisa que nós ficámos abismados. Ele levava lá à Academia, uma vez por semana, um político, que não sei como é que ele os escolhia, para nos falar da guerra na perspetiva política. E a malta ficou assim “*epá, este homem...*”. Houve uma altura em que houve um congresso de ex-combatentes, no Porto, e eu “*epá, ex-combatente sou eu, deixa-me lá ir*”. Ele tratava-me por tu, e ainda me trata hoje, e as primeiras palavras que me dirigiu, e ainda hoje, foi perguntar-me sempre se eu já tomei juízo, e eu respondo “*meu General, eu aprendi consigo*”, e ele disse-me “*tu não vais.*” “*mas não vou porquê?*” “*tu não vais, aquilo não é para nós.*” E aquele “*nós*” ficou-me gravado e só depois do 25 de Abril é que vim a saber o que era o “*nós*”. -----

E então começaram as nossas reuniões sistemáticas, uma vez por mês, e no âmbito do meu curso fazíamos por turma, por curo, por arma, sempre em restaurantes diferentes, e tínhamos um professor de alemão na Academia Militar, que era um antigo Coronel do Exército Alemão, do tempo da Segunda Grande Guerra, e como a Alemanha perdeu a guerra, ele era adido militar em Portugal e ficou cá e ficou professor de alemão na Academia Militar. Todas as gerações de oficiais, desde 1945 para cá, passaram pelas



Assembleia de Freguesia da Penha de França

mãos desse homem. Este homem conhecia todos os restaurantes deste país, o que era bom, e a malta, em cada jantar, nomeava sempre uma comissão de três para organizar o próximo jantar, e a malta dizia “*Vamos ter com o Professor*”. Ainda me lembro que quando cheguei a minha vez e eu “*Professor, onde é que eu hei de ir, onde é que hei de levar a malta?*” Mandou-me para onde é hoje o bairro de Telheiras, para uma quinta que se chamava Quinta de São Vicente, e aquilo eram tudo quintas ali. Havia lá uma grande quinta com uma adega muito grande, os fulanos tiravam a carne diretamente da vaca ou do porco que estava pendurado, íamos assar na fogueira, e depois bebíamos por uma borrachinha que se punha no tonel e bebia-se diretamente. Até se faziam apostas “*epá, tens de dar dez golos*” e contava-se pelo nó da garganta. Isto só para vos contar o ambiente em que a malta foi. A partir da reunião de Cascais a coisa já tocava a sério, porque aí decidiu-se mesmo. Foi aí que se criou aquilo a que veio depois ser o MFA, quando se juntaram os dois Movimentos de Capitães. As pessoas falam de um Movimento, conhecem um, mas haviam dois: o Movimento dos Oficiais de Quadro e Movimento dos Oficiais oriundos de Milicianos. Foi em Cascais que se reuniu tudo e se decidiu “*o objetivo é o mesmo, vamos para isso!*” Quem trabalhou muito nisso foi que, e há pelo menos uma pessoa aqui que o conhece, que foi o Capitão Varela. A partir daí foi constituída a comissão coordenadora e foi incumbido a um grupo de trabalho a preparação da ordem de operações. É preciso lembrar que em dezembro houve o beija-mão dos Generais ao Primeiro-Ministro, e que houve dois Generais, os dois Generais mais prestigiados do nosso Exército, o General Costa Gomes e General Spínola, que não foram ao beija-mão. Oito dias depois estavam demitidos. Mas no mês seguinte o Spínola pôs cá fora um livro, “*Portugal e o futuro*” que mexeu com isto tudo. As pessoas ficaram a saber que afinal de contas, mesmo em termos militares, havia outra ideia para conduzir a guerra e para conduzir os destinos do país. Esta coisa do pensamento único, do só há um caminho, nunca houve, nem na ditadura. -----

A propósito do Costa Gomes, deixem-me lembrar que já em 1961, logo no começo da guerra do ultramar, por alturas da perda de Goa, Damão e Diu, o General Costa Gomes, que era o Oficial mais credenciado, era Secretário de Estado do Exército, em termos militares deste país, já ele fazia relatórios para o Governo de Salazar, onde dizia que não era assim que íamos lá e que se o Governo continuasse com essa política que não contasse com a ajuda da NATO, porque a NATO, mais cedo ou mais tarde, retirava-lhe o tapete.



Assembleia de Freguesia da Penha de França

E isso aconteceu. O regime, nos primeiros tempos, utilizou na guerra meios e equipamentos, sobretudo ao nível da Cavalaria, com tanques, e a NATO proibiu-os imediatamente. Ele esteve envolvido no golpe do General Bolhelho Moniz, que era Ministro da Defesa. Tudo isto vos dá uma ideia de que o regime, ao longo de toda a sua existência, sofreu muitas tentativas para o deitar abaixo. Não era só o Partido Comunista, eram também militares, mas o Partido Comunista teve uma ação preponderante na resistência ao regime, mas foi connosco que ele caiu. -----

O Otelo e o seu grupo prepararam a ordem de operações e, entretanto, deu-se o 16 de março, os camaradas das Caldas entusiasmaram-se depressa demais, e arrancam por aí a fora até Lisboa. Foram parados ali, na altura era o RAL1, e depois RALIS. Quem é que o Governo manda contra a coluna? O BC5 que era comandado pelo meu camarada, o Coronel Fontão e o Dinis de Almeida, que estava ali mesmo ao lado. Estes dois oficiais, com as suas tropas, foram falar com os camaradas, deram-lhes um puxão de orelhas, “*Epá, vocês estão-se a adiantar*”, mas foram e nem uma bala levavam. Ficou-se a saber aí que afinal de contas o Governo não tinha ninguém, a nível militar, que o apoiasse. Teve a GNR, continuou a ter a PIDE, tinha a Legião Portuguesa, a PSP, sobretudo em Lisboa, era uma força repressora terrível. Os estudantes do Técnico da Universidade de Lisboa que o digam. E isto dar-nos-á um lamiré para outro aspeto: não eram só os militares que estavam descontentes. Este país fervilhava. Havia greves atrás de greves, que a censura não deixava que se soubesse, os estudantes sempre a bulir, e tinha havido em França uma coisa que se chamou o Maio de 68. Vocês nem imaginam o que isso foi ao nível dos estudantes. Eu ainda levei porrada no Porto e já era militar. E então há muitos que dizem “*bom, caiu porque o regime estava maduro*”. Bem, maduras, maduras nem as peras caíem, caíem se estiverem podres, mas mesmo assim é preciso abaná-las. É uma forma de desvalorizar o ato consciente, preparado e planeado, para o deitar abaixo. Foi o que nós fizemos. E, ao contrário do que o que se espalha por aí ao longo destes quarenta anos de celebração do 25 de Abril, dá ideia de que a revolução foi só em Lisboa, de que só houve militares em Lisboa. Essa é a pior fantasia e a pior coisa que se pode dizer do 25 de Abril. Todas as unidades deste país, onde havia um quartel, todas as unidades participaram, todas tinham o seu objetivo. O Salgueiro Maia veio de Santarém. Lamego, Bragança, Chaves, Vila Real, Espinho, todas as unidades participaram. É claro que os de Bragança não vinham aqui para Lisboa. Em Lisboa havia a necessidade de empenhar mais



Assembleia de Freguesia da Penha de França

malta do que aquela que estava cá. Veio o Salgueiro de Santarém, veio o Andrade e Silva de Vendas Novas, da Escola Prática de Artilharia, e vim eu e mais dois camaradas de Mafra. Em Mafra, nessa altura, havia cerca de cinco mil homens, tudo cadetes, ou seja, próximos futuros oficiais para irem para a guerra. Eu era comandante de uma companhia de cadetes. Lembro-me, particularmente, de um cadete porque, naquela noite, eu não vim cumprir a minha missão, que era a tomada do aeroporto, porque assim que soube da fuga do Américo Tomás, e em Mafra quem coordenava os oficiais todos nem era Capitão, era uma patente mais baixa que era o Marques Júnior. E o Marques Júnior disse-me *“ah o gajo fugiu e tens de ir à procura dele. Arranja-me aí vinte ou trinta gajos com experiência de guerra e vai à procura dele.”* e eu disse *“mas vou à procura dele onde? Não há um dado para onde é que fugiu? Digam-me que fugiu para Sintra, que fugiu para Mafra, que fugiu para aqui. Um militar trabalha com um mínimo de informação, vou sair para onde?”* E então lá fui eu à procura do Américo Tomás. Ao fim de uma hora, no assalto a um palácio na região de Sintra, um dos Alferes que ia comigo deu um salto, naqueles palácios que têm um fosso de água à volta, mas que não tinha água nenhuma. Eram duas horas da manhã, e eu parei as viaturas todas quase a 1km de distância e fomos em passo fantasma, e aproximámo-nos. Cercámos aquilo tudo e quando chegou a hora avançámos uns para a porta, e o rapaz convencido de que aquilo era tudo terreno direito, avançou e eu só ouvi *“ai!”*. Era o fosso lá em baixo. Partiu a espinha. Abortei imediatamente a operação, venho com o rapaz para o hospital militar, ali na Estrela, e aparece-me o Médico de Dia, (e as senhoras que me perdoem, mas eu tenho de falar à militar) e diz-me ele assim *“Mas que merda de Revolução é esta pá? Aparece-me aqui um gajo com a espinha partida e não me aparece um gajo com um tiro.”* Uma brincadeira. Bom, as coisas foram avançando, o golpe militar para deitar abaixo o governo transformou-se imediatamente na Revolução à medida em que a população toda, em todo o lado, e eu só posso falar por Lisboa, aderiu imediatamente. Para você que é jovem: eu nunca recebi tantos beijinhos como recebi naquele dia. Toda a gente trazia sandes, traziam cervejas, traziam café, traziam tudo aos soldados, porque os soldados estavam esfomeados. Foi nesse momento que o golpe militar se transformou numa Revolução. -----

Há pouco ia contar um caso que se deu comigo. Alguns de vós, se calhar, não estariam aqui a ouvir-me se eu tivesse cumprido, até ao limite, uma ordem que Otelo me deu. Eram umas três ou quatro horas da tarde, o Salgueiro ainda não tinha prendido o Marcello



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Caetano, eu estava com a minha tropa ali nas imediações da Rotunda, ao pé da Estufa Fria, no Parque Eduardo VII, e o Otelo diz-me: *“Epá, a Legião ainda não se rendeu. Prepara os teus morteiros (e o Otelo fala mesmo assim) e bombardeia-me aquela merda toda.”* Enquanto se preparam os morteiros e não se preparam os morteiros, para bombardear aqui a Penha de França, e quando já tinha os morteiros preparados ligo novamente para o Otelo e pergunto *“Então, faço fogo ou não faço fogo?”* e ele respondeu *“Não, já não é preciso que já se renderam.”* E foi assim que vocês se escaparam, aqui na Penha de França, ao bombardeamento dos meus morteiros. É verdade. E aquele rapaz que aparece nas fotografias a pôr o primeiro cravo, foi com um Cabo meu que veio comigo de Mafra. -----

Mas ainda há outra história. Quando volto a Mafra do Hospital Militar, para ir buscar a Companhia para vir para cá, passo pela Carregueira, e estava o Comandante da Carregueira, o Coronel Banazol, no meio da estrada, cá fora, de braços no ar. Quando me viu começou *“Ó Pardal, o que é que se passa Pardal? O Pimentel levou-me os soldados todos e eu não tenho aqui nem um soldado.”* E eu disse-lhe *“Ó meu Coronel, vá para casa, é melhor ir para casa e vá para a televisão e fica a saber.”* Não sei se o homem foi se não foi. -----

Quando isto se transformou em Revolução, houve aquelas etapas que se cumpriram, que a Senhora Presidente já falou, a aprovação da Constituição, a eleição da Assembleia Constituinte, as primeiras eleições, isto tudo, nós não ficámos parados. Começámos um movimento que se chamava Dinamização Cultural, que ao longo destes anos foi tão vilipendiada, com tanta gente a dizer mal da Dinamização Cultural sem sequer fazerem ideia do que é que nós fizemos por esse país fora. Há minha conta, na minha região do Douro, pelo menos sete Freguesia ficaram-me a dever a eletricidade, porque não tinham eletricidade. Telefonava aqui para o Regimento de Engenharia de Lisboa *“Epá, manda-me aqui alguém para me pôr aqui eletricidade a esta gente”*, telefone, escolas, estradas. Em Rezende, um dia, sou lá chamado (porque fiquei extremamente cansado aqui em Lisboa, o meu pai estava doente lá em cima na aldeia, e dos meus irmãos eu era o único que me podia deslocar para perto dos meus pais, para perto da aldeia, sem prejuízo da minha profissão, e pedi colocação em Lamego e lá fui para as Operações Especiais), e chego lá, em dezembro de 1974, e aquela malta começa *“Epá, tu é que vens lá de baixo, tu é que és o representante do MFA, tu é que vais tomar conta desta droga toda pá”*.



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Percorri aldeia a aldeia em toda aquela região, a falar com aquela gente, a ouvir os problemas, os que podia resolver, resolvia, os que não podia resolver passava a bola a quem pudesse resolver. Em Rezende, a dada altura, telefona-me o Presidente da Câmara de Rezende, que vinha de trás ainda, *“Senhor Capitão, tenho aqui problemas com esta gente”*, e o problema o que era? Havia um esboço de uma estrada que, à entrada da aldeia, cortava um bico da propriedade do senhor, e ele era um grande proprietário, e ele não deixou e não deixava, como ele me disse depois *“desde quando é que estes matarruanos podem exigir um bocadinho de uma propriedade minha?”* e eu *“ó doutor, o senhor até fica a beneficiar com isso. Abrem-lhe aqui a estrada, e só lhe cortam o muro, praticamente, fica com uma estrada à porta, e amanhã tem um problema, e até para trazer e escoar os seus produtos, e o senhor só beneficia com isso. Deixe lá fazer a estrada, homem.”* E ele respondeu *“ah, já que o senhor diz, está bem, pronto.”* *“Se senhor autoriza, amanhã estão aí as máquinas de engenharia militar.”* E assim foi. Numa semana abrimos a estrada. Isto para vos falar do que foi a Dinamização Cultural por esse país fora. Eletricidade, estradas, escolas, recuperação de casas, recuperação de tanta coisa. No entanto, houve quem não gostasse, e não é difícil perceber porquê. -----

Não sei se já ouviram falar na Casa do Douro. No Douro vinhateiro, produtor de vinho do Porto, de região demarcada, foi também mudada com a Revolução e foi criada uma Comissão Administrativa. A Comissão Administrativa recebeu como missão preparar a Casa do Douro em meio ano, para entrar na normalidade, com novos estatutos. Ao fim de um ano aquilo estava tudo na mesma. A Comissão Administrativa era composta por doze pessoas. Ao fim de um ano ainda não tinham produzido nada. Para protegerem as costas, pediram à minha unidade em Lamego para mandar um representante, e o Comandante diz-me *“Tu é que és o representante do MFA, vai lá tu.”* Portanto, passei a ir às reuniões da dita Comissão Administrativa. Fui a cinco reuniões e as conversas eram sempre as mesmas: *“Epá, somos doze, para fazermos a proposta de alteração ao Governo, qual de nós doze salta fora?”* e não saiam daquilo. Os doze não podiam ficar na nova Comissão de Gestão, pelo menos metade tinha de saltar fora, e eles não eram capazes de decidir. Até que um dia eu me levantei e disse: *“Meus senhores, eu não sirvo de pau de cabeleira a ninguém. Vou sair daqui, vou fazer já um relatório para Lisboa, e vou dizer o que é que vocês andaram aqui a fazer estes meses todos – a discutir quem entre os doze fica e quem é que sai. Não estou para aturar isto. Vou-me embora.”* O que é que eu fui fazer. Aquela



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Comissão foi desfeita e alguém se lembrou do meu nome para a presidência da nova Comissão. Nessa altura, durante aquelas visitas todas da Dinamização Cultural, tinha andado sempre acompanhado por um senhor, que já morreu, um engenheiro espetacular – já estou como o Fernando Mendes: *“Especacular!”* – de competência, de devoção. O CDS tinha acabado de ser criado, e ele aderiu logo na primeira hora, e era um homem espantoso: sabia de tudo o que era de Vinho do Porto, da Casa do Douro e de vinha o Douro. E foi com ele que eu aprendi. Então nomeiam-me. *“Eu sou militar, não percebo nada disto, como é? Deem-me uma G3 e eu percebo, agora de vinho andei para aí estes meses todos a ouvir, mas não percebo nada disto. Aceito numa condição: se puserem ao meu lado um representante de cada Partido representado na Assembleia da República, e se me deixarem escolher dois ou três técnicos, que toda a gente reconheça, de competência e isento, eu aceito.”* E assim foi. Aceitaram as minhas condições e eu lá fui. Criámos um conselho agrário em que todos os produtores de Vinho do Porto, da região demarcada, tinham um representante por cada aldeia – todos os produtores até vinte pipas de Vinho do Porto. De vinte a cinquenta pipas tinham dois representantes por Concelho da região demarcada. Acima de cinquenta pipas só tinham direito a um representante. Era um Conselho onde, teoricamente, os produtores estavam todos representados. Todas as semanas reuníamos duas, três, quatro vezes, e ninguém recebia um tostão. Entretanto veio o 25 de Novembro. Oito dias antes do 25 de Novembro o Pires Veloso chamou-me lá para falar com ele e eu fui. E diz-me ele *“Olha Pardal, eu quero que todos os meus oficiais regressem aos quartéis.”* E eu respondi *“Olhe, meu Comandante, até lhe agradeço, porque enquanto eu trabalho vinte e quatro horas por dia os camaradas da Unidade às oito horas vão para a Unidade, às onze já estão no café, às duas voltam à Unidade e às quatro já estão em casa. Eu agradeço-lhe até.”* Eu nem sequer soube, não tomei conhecimento sequer, do documento dos nove, nem sequer sabia das movimentações que haviam a nível militar, porque estava vinte e quatro horas dedicado à Casa do Douro. Quando veio o 25 de Novembro eu sou mesmo apanhado no Porto e ia ter uma reunião com os exportadores de Vinho do Porto, no Palácio da Bolsa, e quando chego à entrada do Porto vejo os aviões a rasar e pensei *“O que é que se passa aqui?”*. E naquele tempo ainda haviam aqueles rapazes na rua a vender os jornais *“Revolução! Revolução!”*. Compro o jornal e digo *“Epá, isto está feio.”* Já não fui para a reunião e fui direto ao Rádio Clube Português. Dali fiz vários telefonemas, um deles a um amigo que comandava



Assembleia de Freguesia da Penha de França

o RAP – o Regimento de Artilharia Pesada, da Serra do Pilar, em Gaia – e perguntei-lhe o que se passava e ele respondeu-me *“Epá, eu não sei pá. Eu não sei. Tu é que estás aí fora vê lá se sabes. Tenho as minhas baterias sobre rodas, pronto a cumprir qualquer missão, só não sei quem é o inimigo.”* Tentei informar-me, mas ninguém sabia. Para quem telefonei ninguém sabia. Entretanto, houve um grupo de fulanos que vieram assaltar o Rádio Clube Português e eu tive de fugir. Fugi para casa de umas tias que tinha onde é agora o aeroporto do Porto, o Pedras Rubras, e às tantas começa a ouvir-se uma coisa na rádio e na televisão *“Quem vir o Capitão Pardal faça o favor de comunicar a este quartel-general, imediatamente, e tomar os devidos cuidados porque o homem anda armado e é perigoso.”* As minhas tias ficaram em pânico. Armado eu andava, claro, um militar anda armado, desde que tivesse com a minha farda eu punha a minha pistola à cinta. Por acaso ia à civil, mas a pistola andava comigo, claro, porque pouco tempo antes, estava a meter gasolina no meu carro, ali na Régua, com a família toda, a minha mulher e quatro filhos, e chega um fulano ao pé de mim, que não sei se já ouviram falar, o Padre Max, e diz-me assim *“Tu és louco, tu és doído pá! Despacha já a tua família e bem separados uns dos outros, e tu desaparece.”* Volto para trás, deixei dois filhos na aldeia com os meus pais, deixei outro em Lamego em casa de uns familiares, e a bebezinha veio com a mãe para Lisboa, e eu fui dormir a casa de um amigo meu ali na rede. Quando acordo, de manhã, a primeira notícia que oiço foi que o Padre Max morreu com uma bomba no carro, e até disse logo para os meus amigos *“Olha, o cabrão veio-me avisar a mim e ele é que morreu.”* E vim só a saber há três ou quatro anos, por um camarada que já morreu, o Coronel Magno, de Lamego, que decidiu escrever um livro sobre a participação dele no 25 de Abril, e veio ter comigo a minha casa e contou-me que tudo veio na sequência de uma reunião que o Cónego Melo, de Braga, e o Comandante Alpoim Calvão, que foram de propósito a Lamego, e esse meu camarada Magno esteve presente nessa reunião, portanto tenho o testemunho dele, e foram lá dizer quem é que devia morrer e quem é que não deveria morrer. Estava lá um fulano da minha aldeia, o filho do ricaço, que já morreu também, e disseram-lhe *“Você é que vai cumprir a missão.” “Eu até sou amigo do rapazinho.”* (ele chamava-me rapazinho) *“Vi-o crescer, é de uma família tão boa, eu não vou.” “Epá, aqui ordens não se discutem, você vai liquidá-lo.”* Não me liquidou. Ainda aqui estou para contar. -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

E a minha participação na Casa do Douro, e ao contrário do que muita gente pensa, de que os militares beneficiaram de alguma coisa, eu, pessoalmente, não beneficiei de nada. Fiquei com a minha carreira tapada até hoje. Tenho uma sentença, que já transitou em julgado, há onze anos, para me repararem os anos que estive sem ser promovido. Só fui promovido a Major em 1991, a Tenente-Coronel em 1993, e a Coronel em 1995. E o que está para trás? Estive um ano preso, em prisão domiciliária, aqui em Lisboa a seguir ao 25 de Novembro. E só um ano depois, e eu tinha de me apresentar todos os dias na Repartição de Oficiais, ali no Terreiro do Paço, e houve um camarada, o Coronel Sardinha, que me disse: *“Ó Pardal, custa-me tanto ver-te assim, pá. Se tu nunca falares no meu nome, eu dou-te uma informação e tu depois...”* *“Ó pá, diz-me lá o que é que se passa.”* *“Já há um despacho do Chefe de Estado-Maior a ordenar a tua integração imediata nas fileiras.”* E eu *“O quê?”* Estávamos em dezembro de 1976. Fui dali diretamente para Santa Apolónia, para o Estado-Maior, aparece-me pela frente o falecido General Firmino Miguel que me diz *“Ó Pardal, o que é que se passa?”* e eu *“Meu General, é verdade que já fui reintegrado?”* Ainda ele não teve tempo de me dar resposta e saiu o Chefe, o General Rocha Vieira, que me perguntou o que é que se passava e eu repeti a pergunta, e o Rocha Vieira respondeu-me assim *“Olha, menino, vais para casa, tomas um copo de água, vestes a tua farda, e às duas horas apresenta-te no Ministério.”* E lá fui eu. Assim fiz. E quando vou eu para o Ministério, lá vou eu com a minha fardinha, - e eu hoje queria vir fardado, mas já não caibo nela – e lá me apresentei. Veio de lá o homem e diz *“Pronto, vamos colocar-te. Tinhas direito de ir para a Brigada NATO, mas sabes que, por motivos óbvios, tu não podes ir.”* *“O quê? Motivos óbvios? Eu já li o despacho do Chefe e diz “integrado sem quaisquer condicionamentos”. Eu sou um Oficial no pleno uso e gozo dos meus direitos e se me cabe ir para a NATO eu vou para a NATO.”* *“Não, nós estávamos a pensar mandar-te para os Açores.”* E assim que oiço falar nos Açores calei-me logo. E calei-me logo porquê? Porque a minha mulher, e a família dela, estava toda nos Açores, em Ponta Delgada. E lá vou eu. Ali no aeroporto de Figo Maduro cruza-me com o Salgueira Maia. *“Onde é que tu vais pá?”* *“Vou para os Açores.”* *“Também eu pá.”* Chegámos os dois aos Açores. Agora vejam as coisas do destino. O Salgueiro Maia foi colocado no Quartel-General de Ponta Delgada. Quem é que ele foi encontrar como chefe dele? O Comandante que ele prendeu no 25 de Abril. E eu sou colocado onde? No Regimento Operacional de Infantaria lá em cima. Quem é que



Assembleia de Freguesia da Penha de França

comandava? O homem que comandou todas aquelas operações que se fizeram no Alentejo para acabar com a reforma agrária e que andaram para lá à porrada como se fosse em África, o Coronel Sá Seixas. E diz-me o Coronel Sá Seixas: “*Tu vais ficar com a Secção de Justiça.*” E eu “*Meu Coronel, eu sou o Capitão mais antigo, e pelo Regulamento o Capitão mais antigo comanda a Companhia Operacional.*” E responde-me ele assim “*Deixa-te ir, fica sossegadinho, deixas-te estar ali sossegadinho, vais no meu carro todos os dias para casa, e depois vens para o Quartel também todos os dias no meu carro.*” E comecei a andar com o Comandante todos os dias para trás e para a frente. Até que, entretanto, rebenta aquele movimento pela independência dos Açores, a FLA, que eram uns arruaceiros. É possível que também tivesse boa gente, mas eu só conheci arruaceiros. E um dia estávamos a tomar café, e os Capitães tinham de andar em grupo, nunca inferior a quatro porque senão davam-nos, e quando o Salgueiro ia a meter a chávena do café à boca passa um arruaceiro, dá-lhe um toque no braço, e ele ficou com a farda toda suja de café. Levantámo-nos logo. Estava connosco um Alferes Médico, rapazinho ainda, que nos meteu juízo na cabeça “*Tenham juízo, sentem-se, tenham calma que isso é o que eles querem. Vamos a ter calma.*” Mas, entretanto, os fulanos metiam-se mesmo com as patrulhas da Polícia Militar, soldados de lá. Aquilo atingiu um ponto de tal ordem que o Comandante Sá Seixas pede uma audiência ao então Presidente do Governo, que era o Mota Amaral, e foi ameaçá-lo “*Ou o senhor controla essa gente, ou eu saio para a rua com a Unidade, e depois não sei o que é que vai dar.*” O facto é que depois eles controlaram-se. -----

Está aqui uma resenha, muito breve, do 25 de Abril e da Revolução que lhe seguiu, e depois dos avanços e recuos, do que acontece a uns, do que acontece a outros, e agora fico à vossa disposição. Já estou farto de falar e eu só sei falar de tropa e com soldados, e vejo aqui uma plateia destas à minha frente e fico logo aflito. Fico à vossa disposição.-

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada Senhor Coronel. Tomámos conhecimento, pelo menos alguns de nós, de factos que alguns não sabiam, outros sabiam-nos, mas não tão bem quanto se passaram e, em nome da Assembleia um muito obrigado por ter partilhado connosco toda a sua vivência.-----

Vou agora dar a palavra aos representantes das Forças Políticas representadas aqui na Assembleia de Freguesia. Começaria por dar a palavra ao Senhor Deputado Luís Matias, do MAPES. -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Membro da Assembleia de Freguesia da Penha de França, Luís Matias (MAPES):

Muito obrigado, Senhora Presidente da Assembleia de Freguesia. -----

Secretários da Mesa, Membros do Executivo, Camaradas e Companheiros da Assembleia de Freguesia, vizinhos e amigos, público presente, bem-vindos. -----

Senhor Coronel Pardal, em meu nome pessoal e em nome do Mais Penha e São João, Movimento Independente, quero agradecer a sua presença aqui e um muito obrigado pela partilha daquilo que foi a sua vivência pessoal de um facto histórico do nosso país. -----

Comemoramos 42 anos de um acontecimento que fica, indelevelmente, marcado na história de Portugal. -----

Convém não esquecermos que o regime salazarista instalou o medo, a perseguição, a tortura, e até o assassinato dos seus opositores. -----

Convém não esquecermos que cerca de nove mil portugueses perderam a vida na guerra colonial e cem mil ficaram feridos ou doentes, aliás conforme o Senhor Coronel referiu. -----

Convém não esquecermos que a PIDE existiu, e que até no 25 de Abril de 74 matou, conforme a lápide que se encontra na sua ex-sede, na rua Rua António Maria Cardoso. -

Conforme diz a lápide “*Aqui na tarde de 25 de abril de 1974 a PIDE abriu fogo sobre o povo de Lisboa e matou: Fernando C. Gesteira, José J. Barneto, Fernando Barreiros dos Reis, José Guilherme R. Arruda. Homenagem de um grupo de cidadãos*”.-----

Saudamos todos aqueles que perderam a vida na luta contra o fascismo, e prestamos-lhes a nossa homenagem. -----

Convém não esquecermos que hoje vivemos em democracia e em liberdade porque os militares, no dia 25 de Abril, libertaram Portugal da ditadura, restituindo aos portugueses o sonho de um futuro melhor. -----

O 25 de Abril ficou associado como sinónimo de Liberdade, que constitui um pilar essencial da Democracia. -----

Comemoramos hoje, também, os 40 anos da Constituição da República Portuguesa, aprovada em 2 de abril de 1976. Um texto que rompe com a ditadura fascista e que consagra na Lei Fundamental direitos, liberdades e garantias conquistados pelo povo português. Marco essencial do processo de consolidação da democracia em Portugal. ---

Saudamos, também, todos os deputados, sem exceção, da Constituinte, que aprovaram a nossa Constituição, a Lei número um do nosso país. -----



uf

Assembleia de Freguesia da Penha de França

Destaco e cito quatro artigos da nossa Constituição que, em meu entender, são relevantes: -----

Artigo nº64 – Saúde: -----

“Todos têm direito à proteção da saúde e o dever de a defender e promover. O direito à proteção da saúde é realizado: Através de um serviço nacional de saúde universal e geral e, tendo em conta as condições económicas e sociais dos cidadãos, tendencialmente gratuito;” -----

Artigo 58º - Direito ao Trabalho: -----

“Todos têm direito ao trabalho.” -----

Artigo 56º - Direitos das Associações Sindicais e Contratação Coletiva: -----

“Compete às associações sindicais defender e promover a defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores que representem.” -----

Obviamente que eu, enquanto dirigente sindical, tinha que elencar estes dois artigos.-

Por fim, um último: -----

Artigo 49º - Direito de sufrágio: -----

“Têm direito de sufrágio todos os cidadãos maiores de dezoito anos, ressalvadas as incapacidades previstas na lei geral. -----

O exercício do direito de sufrágio é pessoal e constitui um dever cívico.” -----

Em nosso entendimento, a Democracia faz-se através de exercer o direito ao voto, não ao abstencionismo. Esta é a mensagem que vos quero aqui partilhar. -----

Viva o 25 de Abril! Viva a República Portuguesa! -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada Senhor Deputado Luís Matias, do MAPES, e tem agora o Senhor Deputado Bruno Futre, do CDS/PP. -----

Membro da Assembleia de Freguesia da Penha de França Bruno Futre (CDS/PP):

Exma. Senhora Presidente da Assembleia de Freguesia; -----

Senhor Coronel Esmeraldo Pardal; -----

Exma. Senhora Presidente da Junta em substituição; -----

Exmos. Membros do Executivo; -----

Exmos. Deputados da Assembleia de Freguesia da Penha de França; -----

Caros(as) concidadãos, amigos e amigas. -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Estamos hoje, aqui nesta assembleia extraordinária para assinalar o 42º aniversário do 25 de Abril também denominado por muitos pela Revolução dos Cravos. -----

Graças ao 25 de Abril podemos respirar hoje liberdade e esperança. A esperança de um Portugal melhor. -----

Com o 25 de Abril chegou a liberdade, chegou a democratização do ensino, o direito das mulheres, os direitos da população, o serviço nacional de saúde, mas sobretudo chegou uma nova esperança. A esperança de um Portugal livre. De um Portugal europeu. Um Portugal democrático que pudesse estar representado por diferentes forças políticas como as que estão aqui hoje presentes. A esperança de um Portugal não orgulhosamente sós, mas sim um Portugal orgulhosamente unido. Um Portugal livre, um Portugal democrático. -----

O CDS não quer deixar de assinalar 42º aniversário da revolução dos cravos, para relembrar aos presentes que a revolução dos cravos, ao contrário de muitos que poderão querer influenciar, não foi uma revolução de esquerda nem uma revolução de direita, mas sim uma revolução dos portugueses. -----

Hoje falamos de liberdade. 42 anos de liberdade, mas de 42 anos de liberdade teórica pois não nos podemos esquecer das três ocasiões que nosso país perdeu a sua soberania devido a pedidos de ajuda externa de governos Socialistas: 1978, 1983 e mais recentemente em 2011 devido a políticas irresponsáveis e despesistas que quase levaram o país à banca rota. Três pedidos de ajuda externa em menos de 40 anos. -----

Mas não é só do 25 de Abril que estamos aqui a falar, estamos também aqui para assinalar os 40 anos da Constituição. Constituição essa aprovada com o voto contra dos 16 deputados do CDS-PP eleitos em 1975, ano em que as sedes do CDS foram destruídas e os seus militantes e apoiantes eram alvo de perseguições e ameaças políticas por parte da extrema-esquerda que tanto apregoavam a democracia, mas não conseguia conviver com ela. Ano esse, onde as pessoas ainda não acreditavam que o voto fosse secreto e que o voto no centro-direita era visto como um voto de fascistas. -----

Quando o CDS votou contra a Constituição exerceu um dos direitos inerentes democracia: porque só em democracia é possível dizer não, só em democracia é possível assumir, em liberdade, a coerência, sustentar o pluralismo, recusar a unanimidade. -----

A Constituição de 1976 foi elaborada para ser uma constituição socialista para socialistas, mesmo se a população não o quisesse ser. Caso duvidas existam, basta lermos



uf

Assembleia de Freguesia da Penha de França

o preambulo onde podemos encontrar a meta "*abrir caminho para uma sociedade socialista*". -----

Citando o Dr. Paulo Portas, antigo Presidente do CDS: [É] «*Como se Portugal tivesse nascido numa manhã de Abril ou Maio, quando nasceu há mais de oito séculos, como se todos tivessem obrigação de caminhar para o socialismo, mesmo não sendo socialistas*».-

A Constituição de 1976 é tudo menos uma Constituição neutra. É uma constituição que não acolhe os valores da economia social de mercado. Que bloqueia e limita a economia. É pouco visionária e realista fazendo que atrasasse economicamente o país, equivocando-o socialmente e excluindo-o da realidade contemporânea. -----

Sete revisões constitucionais demonstraram que o CDS-PP teve razão naquele momento histórico. Mas não bastam pequenas revisões, é necessária uma revisão profunda à Constituição para que Portugal recupere estes 40 anos de atraso que tanto custaram aos Portugueses e para que a Constituição se torne verdadeiramente num texto de todos e para todos os portugueses. -----

Hoje, como nos primeiros anos da democracia, o CDS-PP continua e continuará a bater-se pela independência nacional, pela democracia e estabilidade, pela recuperação económica e por uma sociedade mais justa. -----

Obrigado. -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada Senhor Deputado Bruno Futre, do CDS/PP. Tem agora a palavra o Senhor Deputado Hugo Evangelista, do BE. -----

Membro da Assembleia de Freguesia da Penha de França, Hugo Evangelista (BE): “*Muito boa noite, senhoras e senhores* -----

muito boa noite, meninos e meninas -----

muito boa noite, Manuéis e Joaquinas -----

enfim, boa noite, gente de todas as cores -----

e feitos e medidas -----

e perdoem-me as pessoas -----

que ficaram esquecidas -----

boa noite, amigos, companheiros, camaradas” -----

Como dizia o Sérgio Godinho, “*a vida é feita de pequenos nada*s”. -----



uf

Assembleia de Freguesia da Penha de França

Pertencço a uma geração que não viveu o 25 Abril, mas que deve tudo aos homens e mulheres que o fizeram, que lutaram, que foram presos e morreram para que esta página fosse escrita na história no nosso país. -----

Foi com a revolução de Abril que se deu a queda de um regime que garantia os interesses das castas, e garantia-o através de uma receita, uma fórmula, uma ditadura política que esmagava as opiniões divergentes, que promovia o analfabetismo, a indigência e remetia as mulheres a uma cidadania de segunda. Dizia Salazar em 1962 que um povo que tenha a coragem de ser pobre é um povo invencível. -----

Foi com a revolução de Abril que foi escrita a constituição da nossa democracia, que os meios de produção do país passaram a garantir as necessidades básicas da população, que se nacionalizaram sectores estratégicos, que se construiu a escola pública, que se ergueu o serviço nacional de saúde, uma segurança social, que Portugal se abriu ao mundo. -----

Foi com a revolução de Abril que se mostrou que um país pode renunciar o caminho da mediocridade remediada, ter um Estado Social orgulhosamente solidário e encontrar-se com o seu futuro. -----

Mas, entretanto, essas castas, protegidas pelo regime, viram-se obrigadas a encontrar outra receita, outra fórmula para garantir a sua hegemonia. -----

E temos vivido nos últimos anos sobre esta nova receita, sobre esta nova fórmula, que é a ditadura dos mercados financeiros. -----

Esta nova ditadura usa várias ferramentas para garantir a sua hegemonia. -----

Esta ditadura usa a precariedade, colocando trabalhadores uns contra os outros, para dissuadir a existência de comissões de trabalhadores e a sindicalização. -----

Esta ditadura coloca comentadores na televisão, jornais e rádio para nos explicar que não existe outro plano, seja o ele um A, um B ou um C senão o plano da austeridade, e que a devolução de rendimentos a quem menos tem não passa de uma ilusão, de um perigo, um perigo e um desperdício dos sacrifícios anteriores. -----

Esta ditadura controla o poder político, que nos diz que estamos condenados a ser pobres e que o Estado Social tem que ser substituído por um Estado Assistencial. -----

Esta nova ditadura comanda o banco central europeu que insiste que o empobrecimento é uma meta e que é preciso tapar com dinheiro o buraco negro dos bancos para que eles nos possam continuar a emprestar dinheiro. -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Esta ditadura comanda as empresas de rating que dizem que valemos menos que lixo.-

Esta ditadura cria as offshores para ela própria pagar menos impostos, e contrata escritórios de advogados para quando estas castas são apanhadas nas trifulhices que fazem diariamente se escaparem. -----

E ao mesmo tempo temos uma escola pública que nos ensina muita coisa, que nos ensina o que é um triângulo escaleno e uma apócope, mas que não nos ensina a participar, a construir coletivamente soluções para problemas coletivos, e que o desafio da democracia é um desafio diário, criando assim uma nova geração que é antipolítica, que é anti-partidos, que é antissistema. -----

Apesar do 25 de Abril, passados 42 anos, falta fazer muita coisa. Falta devolver a dignidade, o respeito por quem trabalha, a recuperação dos rendimentos e o fechar o cerco à precariedade laboral. -----

E como dizia o Sérgio Godinho: -----

*“o que é certo -----
é que os que têm quase tudo -----
devem tudo aos que têm muito pouco” -----*

Para os senhores que nos dizem que a culpa é nossa, que não há alternativa, que o melhor é estarmos mal do que pior, lembrem-se sempre que há esperança na mudança, que quando estamos unidos podemos desafiar as regras, que podemos imaginar o impossível e transformar a realidade, lembrem-se que houve um 25 de Abril. -----

Viva o 25 de Abril! -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada Senhor Deputado Hugo Evangelista, do BE. Tem a Senhora Deputada Teresa Ricardo, do PCP. -----

Membro da Assembleia de Freguesia da Penha de França, Teresa Ricardo (PCP):
Boa noite a todos os Membros da Assembleia, do Executivo, da Mesa, ao Senhor Coronel que nos veio contar algumas histórias sobre o 25 de Abril e sobre o período antes do 25 de Abril, e eu vou pegar no período antes do 25 de Abril – e eu vivi o 25 de Abril. O Senhor Coronel falou um pouco sobre o que se passava nas aldeias do Norte. Eu sou do Alentejo profundo, onze quilómetros abaixo de Beja. O meu pai é o mais novo de seis irmãos, e o irmão mais velho, no início dos anos cinquenta, a primeira tentativa que fez para fugir à fome e à miséria, foi tentar arranjar emprego na zona de Lisboa. Veio da



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Cabeça Gorda, a pé, até ao Barreiro. Andou três dias no Barreiro, com fome, a dormir na rua, à procura de emprego. Não achou. Regressou para a Cabeça Gorda, a pé. Chegou a Beja no dia quinze de agosto. Hoje há a Ovibeja, mas naquela altura não havia. A feira do gado, em Beja, era no dia quinze de agosto – e ainda hoje é a feira de Beja – mas era nesse dia que se transacionava o gado. Lembrou-se de ir à feira, talvez encontrasse um lavrador que tivesse comprado algumas cabeças de gado e que precisassem de ser transportadas a pé, naturalmente, para algum monte ali próximo da aldeia e que lhe daria alguns cobres. E encontrou. Encontrou um lavrador que tinha comprado um cavalo e queria levá-lo. *“Epá, calha mesmo bem. Tenho andado estes dias todos a pé, ao menos estes últimos quilómetros, fado d’um cabrão, vou a cavalo.”* E então não é que sempre que ele se montava no cavalo o cavalo só andava à roda. Teve de ir para a Cabeça Gorda a pé e a puxar pelo cavalo. -----

Como veem, esta era um pouco a vida do povo alentejano, que sofreu muito. -----

Vou então ler algumas linhas que nós escrevemos. -----

Abril e a Constituição. -----

O Movimento das Forças Armadas com o povo e com os trabalhadores, em 25 de abril de 1974, devolveu aos portugueses a liberdade, a paz e a dignidade de um povo. -----

Hoje, passados 42 anos, quando muito do que conquistámos nos foi roubado, quando a escalada de empobrecimento do povo e dos trabalhadores nos faz ter saudades dos dias de libertação, é tempo de reafirmar os valores de abril e dizer, mais uma vez, BASTA! E esperar que desta vez retomemos o caminho do progresso, não falte para isso vontade política a outros, que o PCP está e estará na linha da frente. -----

Por esse Mundo fora, nomeadamente na Europa, os povos estão no limite da sua paciência com as atuais políticas ditadas e comandadas pelas organizações financeiras (mercados, agências, FMI, EU, etc.) que não passam de fantoches do capitalismo, cujo objetivo é exclusivamente o de roubar, de todas as formas, a riqueza produzida pelos trabalhadores. Prova disso mesmo, são os sucessivos casos, tornados públicos, à escala global e em todas as áreas, de corrupção, fuga aos impostos, lavagens de dinheiro e conivência com o crime organizado, cujos autores e atores, posam em períodos eleitorais de fervorosos patriotas e condecorados à mistura. -----

Como cantou Fanhais o poema de Sofia, *“vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar”*. -----



uf

Assembleia de Freguesia da Penha de França

Mais uma vez dizemos presente, para reafirmar com convicção “*que ninguém mais cerra as portas que Abril abriu*”, como disse Ary. -----

Celebramos hoje, outra data não menos importante e consequência da primeira, a Constituição da República, Lei Fundamental, portadora dos princípios e valores da liberdade alcançada, correspondeu aos mais profundos anseios do povo português e consagrou as transformações operadas na Sociedade. A Constituição é, ela própria, uma das conquistas fundamentais da Revolução de Abril e de acordo com Álvaro Cunhal um “*testemunho da História e fiel retrato da Revolução portuguesa*”. -----

No 40º aniversário da Constituição da República, o PCP considera que continua a ser indispensável valorizar a Constituição de Abril e os conteúdos progressistas que mantém, apesar das alterações a que foi sujeita ao longo destes 40 anos, alertar para as ameaças e atentados contantes de que são alvo as conquistas e direitos que nela permanecem inscritos e ainda denunciar os perigos para o regime democrático de projetos de futuras revisões da Constituição. -----

Viva o 25 de Abril! -----

Viva Portugal! -----

Defender a Constituição de Abril! -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada, Senhora Deputada Teresa Ricardo, do PCP. Tem agora a palavra o Senhor Deputado Afonso Costa, do PSD. -----

Membro da Assembleia de Freguesia da Penha de França, Afonso Pereira Costa (PSD): Exma. Senhora Presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia, -----

Exmo. Senhor Coronel Esmeraldo Pardal, em representação da Associação 25 de Abril; -----

Membros do Executivo; -----

Caros Colegas da Assembleia de Freguesia, -----

Público presente, Instituições, e funcionários da Junta de Freguesia da Penha de França aqui presentes; -----

Uma boa noite a todos. -----

Estamos aqui a comemorar, não estamos aqui a passar uma noite que não seja mais do que uma comemoração de uma data. Foi uma data fundamental para a Democracia que vivemos hoje em dia. E com isso queria, antes de ler o texto que trouxe, deixar uma



Assembleia de Freguesia da Penha de França

mensagem para aquilo que estivemos a ouvir esta noite. Estivemos a ouvir aquilo que se passou no âmbito da visão, e daquilo que aconteceu, do Senhor Coronel, dos momentos que passou, tanto antes do 25 de Abril, no dia do 25 de Abril, e naquele que foi designado de “período revolucionário em curso” ou de dinamismo cultural. É um momento histórico marcante na nossa democracia, sem dúvida. Passámos de um regime totalitário para uma liberdade plena, naquele dia apenas. As pessoas naquele dia libertaram toda a angustia de quarenta e tal anos de ditadura e saíram para a rua ao lado dos militares. Isso é uma verdade intrínseca de quem a viveu, e eu não a vivi, ainda não era nascido sequer, e como o disse o Bruno Futre, foi da Esquerda à Direita, porque como o Senhor Coronel disse, o regime já não tinha apoiantes. Estava mais que podre, estava caduco. Portanto todos aqueles homens que eram conservadores, todos aqueles homens que eram de Esquerda, que eram progressistas, todos eles queriam o fim daquele regime. Poderiam depois querer coisas diferentes para o futuro de Portugal, mas queriam o fim do regime. E isso aconteceu naquele dia. Depois o resto que se passou a seguir penso que a História possa – e estamos a chegar quase ao cinquentenário do 25 de Abril e a História começa-se a estudar passado cinquenta anos – para tirar estas emoções daqueles que viveram e vivenciaram o 25 de Abril ainda têm e que ainda permitem, porque calculo que tenha sido uma emoção muito grande para quem viveu esses dias – limpar um bocadinho e termos uma visão mais histórica e abrangente do que foi não só o 25 de Abril mas também o período revolucionário em curso até à primeira Revisão da Constituição da República Portuguesa, em que o Movimento das Forças Armadas é dissolvido. -----

E com isto é fundamental percebermos que foi um marco e é fundamental continuarmos a comemorar. -----

Para o ano faz dezasseis anos que sou autarca neste território, dezasseis anos que venho aqui, sistematicamente, comemorar e falar sobre o 25 de Abril, e hoje ainda vão havendo pessoas que viveram o 25 de Abril, e não sei se serei autarca daqui a trinta anos, mas se for já só vou contar as histórias que ouvi daqueles que a viveram e daqueles que já partiram. Essa memória coletiva, essa memória individual de cada membro que participou, seja ali a Teresa Ricardo, pela mão do pai – e conta muitas vezes a história que saiu com o pai para a rua no dia 25 de Abril, pela mão dele, e era uma criança, e que o pai quase que disse algo do género de “Vem comigo. Apesar do perigo quero que vivas este dia.” São momentos que, felizmente, nós podemos, hoje em dia, gravar, porque



Assembleia de Freguesia da Penha de França

quando se restaurou a independência nós não pudemos gravar a Restauração da Independência. Hoje me dia, estes momentos podem ficar escritos, podem ficar ditos oralmente, e gravados para todo o sempre, enquanto houver humanidade e enquanto houver este País e recordarmos, com a mesma emoção, que aqueles que viveram colocam e aqueles que, como eu, não a viveram, nunca poderão colocar. -----

Dito isto, vou passar a ler o meu texto, e apesar de não me esquecer, e apesar de o meu avô, que nasceu em 1910, e o meu pai que nasceu em 1934, eu e os meus irmãos nunca fomos militares, mas havia uma coisa que se dizia lá em casa que tenho a certeza que tem origem militar: “*chuva civil nunca molha militar*”, portanto, nós agradecemos aos militares e sabemos que os militares nunca ficam parados perante as dificuldades. -----

Estamos aqui hoje para comemorar os 42 anos do 25 de Abril de 1974. Estamos a comemorar o dia em que os militares derrubaram um regime autocrático, assente no corporativismo económico e numa ditadura de partido Único, que aplicava a censura como meio de dissuasão e perseguia aqueles que se opunham às suas diretrizes, através da sua polícia política (PIDE-DGS). -----

Estamos também a comemorar os 40 anos da Constituição e do Regime Democrático que este marco histórico desencadeou. -----

O 25 de Abril, como todos sabemos, tinha como objetivo principal o derrube do Estado Novo e as propostas que se designaram como os 3 D's (Descolonizar, Democratizar e Desenvolver). -----

Apesar dos percalços, dificuldades e excessos, podemos hoje, passados 42 anos, afirmar que estão cumpridos estes desígnios. -----

A descolonização foi efetuada e hoje temos relações de estado, económicas e culturais com todos os países que estiveram na origem através deste processo, nomeadamente através da CPLP. -----

Uma nova República foi estabelecida, que nos dias de hoje, devido à vontade popular está assente numa democracia representativa, no primado da lei, numa economia capitalista e aberta, na liberdade de imprensa, na liberdade de expressão e no humanismo em que o indivíduo é o centro da sociedade. -----

Uma república em que a evolução da sociedade depende inteiramente da vontade popular e em que, pela primeira vez na nossa História, o voto é livre e universal. -----



uf

Assembleia de Freguesia da Penha de França

Uma Democracia em que as ideias fluem, o livre pensamento é enaltecido e onde discordar é aceite e promovido. -----

Uma Democracia onde a liberdade é para todos, um regime assente no 25 de Abril, que é de todos e em que todos participam e onde ninguém se pode apropriar da data, nem os que a proporcionaram, visto que se o fizerem estão a trair o seu próprio propósito. ----

Daqui a 58 anos, quando se comemorar o centenário do 25 de Abril de 1974, vai-se comemorar a Democracia e a Liberdade, vai-se enaltecer os que o fizeram, sem dúvida na figura dos militares de Abril, nomeadamente na figura de Salgueiro Maia. -----

Falar do 25 de Abril, para quem, como eu, nasceu com os seus valores já adquiridos, é falar de História, é falar de algo que aconteceu, é falar do que permitiu os valores democráticos com que a minha geração e as seguintes vivem o que faz com que tenhamos dificuldade em perceber como era possível viver em ditadura, e para aqueles que o fizeram, esta mentalidade e esta mudança de valores, esta realidade atual do subconsciente dum povo vindouro é algo que os deve orgulhar, porque dificilmente uma ditadura regressará a Portugal enquanto as novas gerações perfilharem estes ideais. -----

Portanto, o que distingue o 25 de Abril de outras datas históricas é que o seu legado não é só passado, é presente e desejo de futuro. -----

A democracia representativa tem de perdurar e o desenvolvimento tem de continuar.-

Apesar dos anos difíceis que atravessámos, das dificuldades que as famílias e a população atravessam, temos de olhar para os últimos 42 anos como os mais bem-sucedidos no que respeita a desenvolvimento, Democracia e Liberdade. -----

Temos de acreditar que no futuro a prosperidade irá regressar visto que só assim podemos e continuaremos a respeitar a memória dos Capitães de Abril. -----

Muito obrigado. -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigado Senhor Deputado Afonso Costa, do PSD. Tem agora a palavra o Senhor Deputado Manuel Lage, do PS. -----

Membro da Assembleia de Freguesia da Penha de França Manuel Portugal Lage (PS): Senhora Presidente da Assembleia, -----

Senhores Membros da Assembleia, -----

Senhor Coronel, -----

Senhores Vogais da Junta, -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Senhores Dirigentes e Colaboradores da Junta de Freguesia, -----

Convidados, -----

Minhas Senhoras e meus Senhores -----

O dia da Liberdade mostrou que era possível passar de uma ditadura para a democracia sem que o nosso País passasse por uma guerra civil. A Revolução dos Cravos, movimento pacífico levado a cabo pelos militares, hoje militares de Abril, foi também a Revolução do Povo! -----

Povo esse que ao longo dos tempos tem vindo a dar mostras da sua enorme capacidade. Capacidade de saber quem é quem! De não se deixar toldar por qualquer desinformação.-

De forma superior os Portugueses conseguiram alcançar a Democracia e a Liberdade. Foi a primeira vez que um povo através de uma Revolução o conseguiu fazer. Daí o carácter internacionalista da nossa transição para a Democracia. -----

O 25 de Abril, passadas mais de quatro décadas, é uma ocasião cuja celebração ganha cada vez mais vigor. Hoje, como então, os Portugueses devem continuar a sua busca por um País com maior justiça social, através da participação democrática nas instâncias destinadas à sua participação política. -----

Num ano em que já por diversas vezes a Liberdade foi posta à prova na Europa, as responsabilidades, de todos, são ainda maiores. -----

É chegado o momento de transmitir e incutir na União, os valores que regem a nossa sociedade. Onde, com grande sacrifício de todos, temos vindo a percorrer um longo caminho de inclusão e coesão quer económica quer social, de respeito pelas diferenças, sabendo aceitar, receber e integrar. -----

O 25 de Abril foi o mais alto momento de Portugal na defesa das liberdades, hoje fundamentais, bem como na justiça e equitativa distribuição da riqueza através da solidariedade social. Algo que temos vindo, enquanto Estado Nação, a defender junto do Mundo. Quer quando nos referimos aos PALOPs, quer nas missões humanitárias em que estamos envolvidos, Portugal nunca vira a cara à luta, nunca vira a cara às dificuldades alheias e diz sempre, presente quando o mundo precisa. Para nós, a igualdade de tratamento, a dignidade da pessoa humana, a cidadania como participação cívica e a justiça como fator fundamental de vivência em sociedade, são fatores essenciais para a construção de um Estado de Direito Democrático mais promissor e mais justo. -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Na prossecução dos ideais de Abril, temos hoje um novo desafio, o desafio de acolher aqueles que tudo deixam para trás, e sem alternativa começam e procuram começar de novo! Lisboa estará, hoje como então, na primeira linha da defesa desse ideal, direi mesmo desse direito. -----

Sabendo que teremos sempre de combater os extremismos, que estaremos sempre a favor da Liberdade, da Democracia, do Progresso e da Justiça Social, e nunca deixando que se viva sobre a repressão de qualquer ditadura. -----

O progresso notável de Portugal ao longo destas quatro décadas é um sinal claro da coragem e empreendedorismo dos nossos concidadãos. A igualdade de oportunidades só se alcança quando o Estado garante essas condições. O Estado como o conhecemos tem vindo a sofrer algumas alterações, mas elas são necessárias a todos os níveis. Não podemos esquecer nunca o passado, mas temos a obrigação de preparar o futuro. As nossas ações de hoje, na gestão da coisa pública, são um compromisso que assumimos. São um compromisso com as gerações vindouras. -----

A elas, aos jovens, temos de criar condições para se orgulharem do seu passado, mas também de terem a capacidade de se afirmarem no futuro, onde a competitividade é cada vez maior, mas onde, por esse mundo fora, os portugueses ao longo dos tempos dão mostras do seu brilhantismo e dos seus valores de forte solidariedade. -----

Mas também temos de conseguir trazer de volta os portugueses que querem voltar para casa. Esses têm de ser capazes de conseguir voltar. -----

Portugal, com o esforço de todos, tem de recuperar da crise que afinal era uma crise internacional. Os sinais claros que temos de transmitir são sinais de confiança num futuro melhor e mais risonho, num futuro de crescimento económico, na tripla perspetiva do aumento do PIB, da redução do desemprego e da redução da despesa pública, mas sem que isso implique um desinvestimento nas pessoas e no Estado Social, e ao invés disso que implique necessariamente um caminho diferente do da austeridade. Há que demonstrar que é possível uma aproximação real aos nossos parceiros europeus. -----

Tem sido um caminho difícil, mas cujos resultados serão fundamentais para um desenvolvimento sustentável e sustentado para que as nossas crianças possam ter um futuro mais promissor. -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Também no nosso Município, também em Lisboa, temos dado sinais claros dos valores que defendemos: uma sociedade inclusiva que sabe acolher e integrar, que recebe todos quantos venham e que venham por bem. -----

Ao mesmo tempo, no Município apresentamos hoje uma situação económico-financeira muito diferente da encontrada há quase uma década, sendo hoje Lisboa uma referência nacional a nível, por exemplo, de pagamentos aos seus fornecedores. -----

Mas mais importante, Lisboa tem hoje uma estratégia clara e integrada para a resolução de problemas concretos dos Lisboaetas: através do plano de habitação com a intervenção no edificado municipal, com o programa de rendas controladas absolutamente inovador; ou do programa de repavimentação, onde grande parte das principais artérias da cidade são repavimentadas. -----

Tudo sem pôr em causa, o trabalho do reforço da delegação de competências nas Freguesias, ou da Higiene Urbana, ou dos projetos estruturantes para a cidade como sejam a intervenção da segunda circular, o eixo central da cidade, ou mesma na devolução da feira popular à cidade de Lisboa. -----

Tudo pelos Lisboaetas e em sua defesa, e para que cada vez mais possamos ter mais pessoas na Cidade. É por eles que aqui estamos e para eles que diariamente lutamos para que tenham melhores condições de vida. -----

À semelhança do que aconteceu há 42 anos, continuamos hoje, a lutar por um Portugal mais justo e mais solidário, onde o progresso social seja uma realidade. A igualdade de oportunidades para todos, neste que é o ano em que a Europa se vê confrontada com uma crise humanitária é algo que por muito que façamos, teremos de almejar mais e mais longe. Também nós aqui na Penha de França, teremos de nos posicionar na linha da frente pelo combate por essa igualdade, essa oportunidade que a todos deve ser dada. -----

Estamos na segunda metade no nosso mandato, muito tem vindo a melhorar na nossa Freguesia, mas muito falta ainda fazer. Há que criar mais e melhores oportunidades. Proporcionar Oportunidades a todos quantos queiram como nós participar na construção de um futuro melhor, para os nossos jovens e seniores, mulheres e homens, independentemente do seu credo ou religião, da sua cor ou raça. Porque as oportunidades, só surgem em Liberdade. -----

A Igualdade de Oportunidades, só pode surgir em Liberdade, quando todos são tratados como Iguais, e com a Fraternidade. Foi para isso que fizemos o 25 de Abril, para



Assembleia de Freguesia da Penha de França

que todos fossemos Livres, Iguais, é para isso que hoje continuamos a defender os valores de Abril. -----

Viva a Penha de França! -----

Viva o 25 de Abril! -----

Viva a Liberdade! -----

Boa noite. -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada, Senhor Deputado Manuel Lage, do PS. Antes de dar a palavra a um representante da Mesa, pergunto à Junta de Freguesia se quer usar da palavra. Senhora substituta da Senhora Presidente. -----

Senhora substituta da Senhora Presidente da Junta, a Vogal Maria Capitolina Marques: Obrigado Senhora Presidente. -----

Agradeço e saúdo a presença do Senhor Coronel Esmeraldo Pardal bem como a todos os membros da audiência, como os Senhores Deputados da Assembleia, saudando a Senhora Presidente por esta iniciativa e o Executivo mandou o seu elemento mais novo, o jovem David Erlich, para uma curta intervenção. Muito obrigada. -----

Vogal da Junta de Freguesia, David Erlich: Boa noite a todos. Antes de mais saudar a todos os presentes, agradecer e saudar do Senhor Coronel Esmeraldo Pardal. É um privilégio tê-lo aqui. O Executivo mandou-me, enquanto Membro mais jovem, mas se algo fica aqui provado é que a juventude é uma condição de espírito e não só uma data num calendário, nem só uma data numa agenda, nem só uma data de nascimento, é uma condição mental, um estado de espírito, e tem a ver com a permanente vontade de fazer mais e melhor. O à-vontade com que veio aqui falar connosco e partilhar as suas experiências, eu, enquanto jovem, e de jovem para jovem, devo dizer-lhe que fico grato e que estou muito agradecido. -----

O Executivo mandou-me para uma intervenção bastante simples. Recebi o desafio de ler um poema relacionado com o 25 de Abril. Foi-me lançado esse desafio de escolher um poema e conseguir lê-lo aqui. Confesso que estaria muito menos nervoso se fosse uma intervenção mais política, mas o facto de ter de dizer poesia em público pode deixar-me um pouco mais tímido e apelo, portanto, à vossa compreensão. -----

Antes de ler o poema, queria deixar a seguinte nota: se hoje podemos estar aqui em Liberdade, se eu pude estudar numa escola pública, estudar numa faculdade pública, sair



uf

Assembleia de Freguesia da Penha de França

com os amigos, fazer política nos tempos da Associação de Estudantes com alguns camaradas aqui presentes, se pudemos viver a nossa vida, e também fazer as asneiras da juventude, mas sem ter medo de ser preso, olhando para trás, grande parte das coisas que pude fazer na minha vida dependem de alguém, de um grande grupo de alguéns, que esteve lá e que na hora certa disse “*Presente!*”, e que na hora certa teve coragem. E teve uma coragem que ainda hoje nos comove, e que ainda hoje nos dá inspiração para o futuro. E por isso o meu obrigado a todos aqueles que fizeram o 25 de Abril das mais variadas formas e que permitiram que hoje, com 26 anos, tendo nascido em 1989, quinze anos depois do 25 de Abril, possa estar aqui, em Democracia, a ler um poema em público. Um gesto tão simples como ler um poema em público podia e deu, com certeza, direito a prisão. -----

Vou agora silenciar-me e tentar ler um poema. Trouxe uma autora de quem gosto muito, a Sophia de Mello Breyner Andresen, e um poema intitulado, naturalmente, “*Revolução*”. -----

“Como casa limpa -----

Como chão varrido -----

Como porta aberta -----

Como puro início -----

Como tempo novo -----

Sem mancha nem vício -----

Como a voz do mar -----

Interior de um povo -----

Como página em branco -----

Onde o poema emerge -----

Como arquitetura -----

Do homem que ergue -----

Sua habitação” -----

Escrito a 27 de abril de 1974. Viva o 25 de Abril. Obrigado. -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada David. Em nome da Mesa vou dar a palavra ao Senhor Segundo Secretário, o Senhor Deputado Manuel Ferreira. -----



Assembleia de Freguesia da Penha de França

Segundo Secretário da Mesa da Assembleia, Manuel dos Santos Ferreira: Boa noite. -----

Caros Membros da Assembleia, -----

Membros do Executivo, -----

Ilustres convidados, -----

Público em geral, -----

Comemoramos neste mês de abril o 42º aniversário da Revolução, e os 40 anos da Constituição. A Revolução de 25 de Abril de 1974 pôs fim a quarenta e oito anos de ditadura fascista, devolvendo ao povo a alegria de viver. Os militares que nessa madrugada libertaram o País da noite escura e que resultou no “*dia inicial inteiro e limpo*”, como escreveu Sophia de Mello Breyner Andresen, devolveu ao povo a liberdade, a democracia, acabando com a censura e declarando eleições livres. Foram libertados os presos políticos. A PIDE, polícia política do regime que oprimia o povo, enlutou a Revolução ao fazer fogo para os populares que se encontravam em frente à Sede da organização, daí causando mortos e feridos. -----

Sendo um cancro da juventude a guerra do ultramar, os Capitães de Abril, dos quais temos connosco um digno representante, promoveram a descolonização, preparando a independência dos territórios ultramarinos, organizaram por todo o País sessões de esclarecimento com vista ao desenvolvimento das populações, e na ajuda aos serviços básicos com vista à modernização do País. -----

Com o 25 de Abril foi realizada a grande manifestação do 1º de Maio. Pela primeira vez os trabalhadores puderam celebrar o seu dia em liberdade, o que foi uma festa única.

Cumprindo a promessa feita pelo MFA, em 2 de abril de 1976, foi aprovada uma nova Constituição que entrou em vigor a 25 de abril de 1976. -----

Das várias intervenções que houve na Assembleia Constituinte, destaco, pelo simbolismo, a que foi proferida por Sophia de Mello Breyner Andresen sob o título “A cultura existe para transformar a vida” “*Somos um país que tem às costas séculos de inquisição e meio século de fascismo, com censura, prisões, escritores e pintores e intelectuais exilados, livros proibidos, exposições proibidas, projetos que nunca se ergueram.*” -----

Marco fundamental da história iniciada em 25 de Abril de 1974, a nova Constituição consagra Princípios Fundamentais como “*empenhada na construção de uma sociedade*”



Assembleia de Freguesia da Penha de França

livre, justa e solidária”, com Princípios Gerais como “*todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a Lei*”, com Direitos, Liberdades e Garantias Pessoais como “*a vida humana é inviolável*”, com Direitos, Liberdades e Garantias de Participação Política como “*todos os cidadãos têm direito ao acesso, em condições de igualdade e liberdade, aos cargos públicos*”, com Direitos, Liberdades e Garantias dos Trabalhadores como “*é garantida aos trabalhadores a segurança no emprego, sendo proibidos os despedimentos sem justa causa ou por motivos políticos ou ideológicos.*”, com Direitos e Deveres Económicos e Sociais e Culturais como “*todos têm direito ao trabalho.*”, com Direitos e Deveres Sociais como “*todos têm direito à segurança social*”, com Direitos e Deveres Culturais como “*todos têm direito à educação e à cultura.*” -----

Manuel Alegre afirma: “*Construindo o Estado de Direito Democrático e o Estado Social os constituintes concretizaram a esperança e os horizontes abertos pelo 25 de Abril. Sem o trabalho que fizeram, pouco ou nada restaria da revolução dos cravos.*” ---

“*A Constituição é, por definição, o nosso pacto social, o nosso compromisso com o futuro. Já lhe chamei a filha primogénita da Revolução de Abril.*”, diz António Arnaut, o criador do Serviço Nacional de Saúde. -----

No encerramento dos trabalhos, o Presidente da Assembleia, o Professor Henrique de Barros, dirigindo-se aos Deputados, afirma que apesar de “*os problemas que surgiram de todos os lados(...) soubemos dar provas(...) de vitalidade, resistência, autodomínio, serenidade e perseverança, e(...) nos recusámos a desertar. (...) "Que tenhamos sabido ser dignos de nós próprios, dotando a nossa pátria com uma Constituição que, na sua essência, saiba resistir à prova do tempo!"*” -----

Também o Presidente da República, o General Costa Gomes, se voltou para os Deputados, afirmando: “*A História reconhecerá e louvará a vossa dedicação.*” -----

A Constituição também permitiu a eleição para as Autarquias, livres e democráticas, comemorando-se, também este ano, o aniversário das primeiras Eleições Autárquicas. --

Viva o 25 de Abril. -----

Viva a Constituição. -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada, Senhor Deputado Manuel Ferreira. -----

Segundo Secretário da Mesa da Assembleia, Manuel dos Santos Ferreira: Já agora, como diz o jovem, (...) melhores dias, esses dias, essa esperança de melhores dias



Assembleia de Freguesia da Penha de França

que vieram com o 25 de Abril, tenho aqui um poema que foi publicado, e já foi conhecido – e foi objeto do lápis da censura, como está ali a prova – e é da minha juventude e já agora vou dizê-lo, se me permitem: -----

“Ambição

Avisto ao longe em pequeninas gotas

Todo um Mundo paz e alegria

Que penetra docemente em mim

E me revigora o espírito e as ideias

Forçando-me a lamentar este Mundo em que vivemos

Repleto só de podridão.

Esse Mundo que descortino

Produz-me a sensação de alívio e bem-estar

Dando-me alegremente a conceber

Que talvez num próximo futuro

Toda a Humanidade possa enveredar

pelo verdadeiro caminho

Um caminho que todos possam transpor

Sem receio de emboscadas

Para poderem viver livremente

Longe dos ataques de energúmenos

Que lhes queiram colher os passos”

Muito obrigado. -----

Presidente da Assembleia de Freguesia da Penha de França: Muito obrigada Senhor Deputado Manuel Ferreira, e um reforçado “muito obrigada” por ter partilhado connosco este seu poema. -----

O 25 de Abril também foi música, houve músicos que ao longo de décadas com as suas canções, com as suas palavras, contribuíram para que o 25 de Abril acontecesse. Depois do 25 de Abril, também com as suas canções, também com as suas palavras, com a sua música, também contribuíram para que o 25 de Abril não morresse. -----

Nesse sentido vamos ter hoje connosco um músico – Manuel Teixeira – que canta, que é guitarrista, é um amador da música, é um autodidata, mas que tem tocado por todo o País e no estrangeiro. Identifica-se com Adriano Correia de Oliveira e com José Afonso.



uf

Assembleia de Freguesia da Penha de França

Tem concorrido a festivais nacionais e tem participado em festivais internacionais, nomeadamente em Cuba. Foi um representante da Sociedade da Língua Portuguesa num concerto integrado num Encontro de Intelectuais Portugueses e Cabo-Verdianos, realizado na cidade da Praia. Vamos, então, ficar com a voz e com a música de Manuel Teixeira. -----

[...] -----

Muito obrigada a todos. Gostaria de agradecer profundamente aos nossos convidados, às pessoas que quiseram estar presentes, partilhar e enriquecer esta nossa Sessão da Assembleia de Freguesia. -----

Senhor Coronel Esmeraldo Pardal, muito obrigada. -----

Senhor Manuel Teixeira, muito obrigada. -----

Muito obrigada a todos. Encerro assim esta Sessão Extraordinária da Assembleia de Freguesia da Penha de França. -----

A Senhora Presidente deu por encerrada a reunião pelas vinte e três horas e dez minutos, da qual se lavrou a presente Ata, que depois de lida e aprovada, vai ser assinada por mim, funcionário desta Autarquia, pela Presidente e pelo Primeiro Secretário em exercício da Mesa da Assembleia de Freguesia. -----

O Funcionário da Junta de Freguesia

Alexandre Ribeiro

A Presidente da Mesa da Assembleia

Maria Luísa Vicente Mendes

O Primeiro Secretário da Mesa da Assembleia

Nuno José Simões Carvalho